

O Brasil contemporâneo na tela do 6th Paulínia Film Festival

Por Alysson Oliveira (SP)

“Comer sushi no sertão não é sinônimo de desenvolvimento”, disse de forma categórica o cineasta pernambucano Camilo Cavalcante durante o debate sobre o seu longa **A História da Eternidade**, no 6h Paulínia Film Festival. É sintomático, então, que em seu filme o sertão nordestino seja exatamente esse o produto do paradoxo do Brasil contemporâneo. Ao longo de quase uma semana do evento, as discrepâncias sociais e de classes estamparam a tela do Theatro Paulo Gracindo, onde ocorreram as sessões dos nove longas nacionais em competição.

Ao fim, **A História da Eternidade** se consagrou como o grande vencedor, levando não apenas os troféus de melhor filme e direção, como o prêmio da Abraccine, entre outros. O sertão onde a trama está situada, no meio do nada, tem como meio de comunicação um telefone público. Esse, aliás, é o vilarejo onde o filme foi rodado nessas condições. Como apontou o diretor, o lugar e os personagens são arquétipos do universal, mas não há como não encontrar figurações do presente brasileiro dentro de seu filme.

A beleza estética e a poesia do filme são, em última instância, materialização do sertão quase idealizado daqueles que nunca sentiram na pele a dura realidade. As disputas de poder no foro pessoal são a materialização das discrepâncias. O que nunca vemos nessa trama, e nos impede de formar o retrato totalizador: a elite, os donos do poder institucionalizado. Assim, Cavalcante retrata um sertão ensimesmado, praticamente esquecido pelo restante do país. Dessa forma, as relações de classe e as tensões sociais se esvaziam nas disputas pessoais.

O filme do festival que mais bem retrata as tensões de classe no Brasil é o carioca **Casa Grande**, de Fellipe Barbosa, que ganhou diversos prêmios, entre eles roteiro (coassinado por Karen Sztajnberg) e especial do júri. Situado num Rio de Janeiro prestes a explodir com diferenças sociais delimitadas num mesmo período, o longa é uma espécie de primo caçula do pernambucano **O Som ao Redor**. Numa casa gigantesca e bastante burguesa, na qual um sistema de caixas acústicas espalha música clássica por todos ambientes (até na piscina), desenvolve-se boa parte desse filme que transita entre a comédia (às vezes negra) e o drama social.

Jean (Thales Cavalcanti) é um jovem que está terminando o ensino médio e se prepara para o vestibular. É pelos olhos dele que vemos a ação do filme. A família está quebrada e em decadência, mas o pai (vivido por um

surpreendente Marcello Novaes) esconde da mulher (Suzana Pires) e dos filhos, e se esforça para manter a aparência, embora esteja desempregado. São pequenas rachaduras que denunciam o estado das coisas: o cartão de crédito que não passa, a dispensa do motorista, a mãe que se torna vendedora de produtos de beleza. Mas a pose nunca some.

Barbosa confessou, no debate de seu filme, que se baseou numa experiência de sua própria família para criar **Casa Grande**. A sensibilidade do diretor para fazer esse retrato de nosso tempo é reveladora. Jean está perdido numa vida que não é mais a sua, e não sabe que rumo tomar.

A palavra ‘senzala’ está ausente do título (que de cara remete a Gilberto Freyre), mas não deixa de se materializar com força no filme. O motorista tem uma relação bastante paternal com o protagonista – o rapaz, aliás, parece passar mais tempo com ele do que com o próprio pai. A empregada é o objeto do desejo do rapaz, que vai para o quarto dela todas as noites, mas suas investidas são em vão. Esse é um filme sobre a educação sócio-sentimental de Jean, cuja bolha é estourada pela realidade do lado de fora do condomínio.

Barbosa é seguro de suas decisões narrativas e de sua encenação. **Casa Grande** é um filme que se constrói dos acúmulos de pequenos incidentes – especialmente os domésticos, e nesse sentido, as cenas na mesa com a família reunida são as mais reveladoras. As pequenas cisões no cotidiano, enfim, se transforma na grande fratura que desmantela a família burguesa. O diretor, às vezes, flerta com o rodrigueano, mas ele está interessado demais nas articulações sociais e econômicas do nosso presente para investigar o desejo obscuro que sufoca cada um dos personagens. E essa decisão é bastante acertada, na verdade.

O presente também está materializado no musical **Sinfonia da Necrópole**, de Juliana Rojas (codiretora de **Trabalhar Cansa**, com Marco Dutra). Essa comédia de humor negro foi o filme que percebe de forma mais sagaz a precarização do trabalho e a especulação imobiliária. Tudo isso num cemitério (na verdade, sete deles, que serviram de cenário), que funciona como uma metáfora de uma metrópole qualquer.

Deodato (Eduardo Gomes) é um aprendiz de coveiro pouco apto para o trabalho – passa toda vez que tem de enterrar alguém. Para não perder o emprego, é transferido para uma função burocrática: irá ajudar Jacqueline (Luciana Paes), funcionária de prefeitura que deverá recadastrar os túmulos, contatar famílias e relocar jazigos – tudo em nome de abrir mais espaço no cemitério.

Juliana faz uma comédia musical com direito a defuntos bailarinos, mas é no lado brechtiano que o filme ganha mais, e a diretora não nega a influência. Tudo é tratado com muito bom humor (negro, na maior parte do tempo). E é ao falar desse nosso tempo, que **Sinfonia da Necrópole** fez um dos retratos mais acertados do Brasil contemporâneo: com suas discrepâncias e paradoxos.